

PROJETO ALUNOS NA PRAÇA

1 - INTRODUÇÃO

A origem do projeto Alunos na Praça está inserida no contexto do movimento estudantil da Universidade do Estado do Rio de Janeiro no fim dos anos noventa. A falência do modelo adotado pelo Diretório Central dos Estudantes - centrado nas disputas político-partidárias e deslocado do cotidiano dos estudantes, com baixa representatividade e legitimidade - fez com que diversos Centros Acadêmicos buscassem construir novos espaços e projetos que dessem conta da discussão gerada pelos estudantes em seu dia-a-dia. A principal estratégia formulada foi o Projeto Alunos na Praça, reunindo acadêmicos de enfermagem, psicologia e medicina. Inicialmente muito atrelado aos Centros Acadêmicos, aos poucos o Projeto Alunos na Praça constituiu uma equipe autônoma, que vem ao longo dos seus três anos de existência se renovando. Durante todo esse tempo os estudantes têm assumido por inteiro a gestão, planejamento e execução das ações do Projeto Alunos na Praça, sem a presença formal de professores orientadores, por ter sua origem ligada ao movimento estudantil. Desde o início de sua existência o Projeto coloca em questão as relações de poder que se expressam nas interações professor-aluno dentro da Universidade e que despotencializam os estudantes na sua capacidade crítica, criativa e organizacional. Assim, o Projeto Alunos na Praça afirma que os alunos são capazes de assumir iniciativas transformadoras da realidade com clareza ética, responsabilidade e consistência técnica e teórica. Para orientar a capacitação dos alunos integrantes, foi constituída uma Rede de Facilitadores, dando uma nova significação para as relações ensino-aprendizagem com base na autonomia dos estudantes. A história do Projeto Alunos na Praça é uma história de luta contra um modelo técnico-científico de produção e reprodução de saberes, que é também parte de um modelo mais amplo de organização social, econômica e política. Movendo-se para além dos muros da universidade em direção das pessoas das praças e da favela, o Projeto vai construindo uma história à margem da Universidade. A necessidade de ocupar um lugar institucional que garantisse a visibilidade e continuação do Projeto Alunos na Praça, potencializando suas ações e legitimando-as junto ao mundo acadêmico, é que levou à aproximação do Projeto com o Laboratório de Dinâmicas Societárias do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UERJ. Hoje, o Projeto Alunos na Praça está formalmente vinculado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, graças ao acolhimento de suas propostas pelos professores Valter Duarte Ferreira Filho e Luitgarde Oliveira Cavalcante Barros, nossos coordenadores docentes.

2 – JUSTIFICATIVA

Por que um projeto que leva alunos de enfermagem, medicina e psicologia para praças e comunidade?

A visão dos alunos

O projeto alunos na praça se apresentou logo na primeira vez que fui à faculdade. Estava contente por ter conseguido finalmente passar no vestibular, entrando em um novo ciclo da vida e logo encontrar pessoas trabalhando por uma causa tão importante foi um grande estímulo. A identificação não demorou: algumas das

questões envolvidas no projeto são pontos chaves do meu caminho: a necessidade da reaproximação do homem consigo, com os outros homens e com a natureza. As atividades nas praças e comunidades representam efetivamente essa procura: a passagem das discussões do campo teórico-abstrato para o concreto-palpável . Da sala de aula para o mundo. Nas ruas, enquanto chegam algumas respostas, uma avalanche de novas questões surge num processo dinâmico, desafiante, vivo. Pedro Rocha Pitta (2º período de Medicina - UERJ).

A visão do menino da praça

Na praça Barão de Drumond encontramos Ronaldo, 12 anos, morador de rua, que acompanhou as atividades do projeto e nos presenteou com um "rap" chamado Padre Severino:

"Padre Severino não parece uma prisão, tem quadra e piscina, vídeo e televisão, na hora do café vem aquele bandeirão; na hora do almoço aquela tentação. Sou menor de rua que não tem onde morar, moro em Copacabana, fico em qualquer lugar. Posto 1 ou posto 2, já vou eu mais uma vez, dormindo na areia , pensando no xadrez. Fumando "bumbum", descendo chapadão. Sou menor de rua. São tudo vacilão."

Ronaldo não diz o que pensa do projeto mas conta-nos , através da sua música, sua trajetória.

A visão de um morador da Comunidade do Morro da Formiga

"Eu creio que realmente é importante a participação da faculdade vindo para a comunidade. Isso quebra até um pré-conceito. A maioria das pessoas pensa: "Ir pro morro? Não vou lá não." Então vocês romperam uma barreira que era vir para uma comunidade.

Sempre é a comunidade que tem de ir ao encontro dos benefícios, das pessoas. E as pessoas nunca querem vir para o morro. Então vocês estão quebrando essa barreira e abrindo passagem para que outras atividades possam acontecer. Acho que os jovens da comunidade ao terem contato com pessoas que estão dentro da universidade desmistifica um pouco. Podem começar a sonhar, que possam estudar e quem sabe um dia estar dentro de uma universidade. Pensar em ter uma formação de nível superior. É difícil mas não é impossível. Esse contato com vocês ajuda muito nesse sentido, pois eles estão convivendo com alguém que está dentro da universidade. O conteúdo que o Projeto trabalha com os jovens - sexualidade - é crucial para eles. A passagem de vocês é fundamental por todos estes motivos, alguém trazendo informações, deixando que eles se expressem, falem de suas dúvidas, dificuldades. Espero que vocês possam continuar." - Pastor Sebastião Mateus da Silva - Coordenador do CEMASI João Alberto Lopes, reside há 22 anos na Comunidade.

A visão de um facilitador

"O maior desafio que eu vejo desse trabalho está no interesse e no aprendizado que vocês levam, que não tem como comparar com uma sala de aula. Por que não pode parar? Porque é através deste Projeto que vocês estão conseguindo descobrir novos caminhos para a universidade, para a formação e para essa clientela que não está se achando no serviço de saúde, não tem espaço para isso. Porque serviço de saúde não tem espaço para nossa população geral. As portas estão fechadas. Acho que quando vocês saem daqui e conseguem chegar até essa população e essa população consegue dizer para vocês o quanto vocês

estão sendo importantes, esse é o objetivo do trabalho. E aí não precisa ser o "Seu Doutor", "Dona Enfermeira" ou "Seu psicólogo" porque ali os problemas são trazidos para vocês com um português claro, que vocês já conseguem ajudar. Esse Projeto não pode parar. Apesar de difícil e trabalhoso, vocês tem retorno. Não é um retorno ligado a uma instituição, não é ligado a uma universidade de muros altos. É de uma relação que vocês construíram e de um sucesso que vocês estão tendo. A união das faculdades foi fantástica. O grupo de vocês conseguiu unir essas profissões que são altamente desligadas, não conseguem trabalhar em equipe.

Ser facilitadora é muito bom na medida em que eu consigo falar o que eu acho que vai ajudar vocês. Tento com a minha prática estar facilitando a chegada de vocês, de forma alguma ser professora para dar conteúdo teórico. Ser facilitadora me deixa honrada porque não sou professora e sinto que estou sendo útil para um grupo de alunos de diversas faculdades que tem objetivos semelhantes aos meus."

Rejane Araújo de Souza - Enfermeira chefe do Serviço de Atenção Secundária do NESAs (Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente - UERJ).

A visão do coordenador docente

Há nas ciências sociais o conceito de instituição total. Diz respeito a manicômios, prisões, conventos, sanatórios para tuberculosos, sanatórios para hansenianos, centros para menores infratores e tudo aquilo que foi criado para isolar das sociedades os que desejam o isolamento e os que não o desejando são a ele submetidos, em geral, por motivos de doença contagiosa, crime ou periculosidade. Refere-se às instituições voltadas para conter toda a vida de seus internos em seus limites, privando-os ao máximo de contato com o mundo exterior. Por isso a noção daí derivada de totalitarização, de totalitarização da vida, de imposição total da vida a limites durante qualquer período de tempo. À parte aquele que num convento está disposto a viver a sua fuga ascética do mundo, imagine-se o sentimento de estar vivendo em qualquer uma delas sendo consciente de que há um mundo para além das enfermarias, das celas e dos muros e de que a sua vida não pode ultrapassá-los. Será o sentimento de estar totalitarizado. Porém, não é preciso imaginá-lo, nem adoecer ou ser apenado para passar por ele. Esse sentimento está em nós muito mais vezes do que nos damos conta. Talvez os pequenos períodos de tempo que passe em nós não nos deixe esclarecê-lo. Ele passa em nós em muitos lugares, em muito do que fazemos, principalmente nas escolas.

Os cursos que estão aí para nos formar, as suas grades curriculares, os seus períodos, as suas matérias, as suas aulas, as suas provas, têm sido, salvo as pouquíssimas exceções para confirmar a regra, formas de totalitarização de nossos conhecimentos, de nossa formação profissional, de nossas vidas. Quantas vezes temos sido forçados a nos limitar. Quantas vezes pensamos em desistir e sair pelo mundo para lhe pedir o inesperado, o imprevisível. Quantas vezes voltamos para as aulas na esperança de ouvir que não se quer subordinar a vida às técnicas, aos métodos, e sim que se quer entregar as técnicas, os métodos, ou lá o que for à vida. E não ouvimos nada disso. Daí a importância da vida extra-curricular. Ela nos devolve ao ilimitado, essa noção que vem lá dos pensadores

originários, aqueles mesmos que pensaram para além das imagens conhecidas, das causas, das experiências.

O Projeto Alunos na Praça não foi criado para romper com o que se ensina ou com o que se aprende, embora acredite na transitoriedade de tudo isso, mas para romper com o efeito totalitarizante do que se ensina e do que se aprende. A ida para a praça, para o mundo que está para além das aulas, tem o sentido de dar às aulas o ilimitado, o inesperado, o imprevisível. Nenhuma aula pode conter toda a vida, nem mesmo tudo daquela simples parte que destacou da vida. Na praça, no mundo, uma aula pode ultrapassar os seus limites formais e encontrar o seu sentido na vida. (Valter Duarte Ferreira Filho - médico e docente do IFCH/UERJ)

3 - OBJETIVOS

3.1 - Estimular os alunos à reflexão sobre saúde e cidadania, e discutir o papel que ocupamos como cidadãos.

Em nossa sociedade, uma parcela mínima da população tem acesso à educação de nível superior. Estes poucos, portanto, usufruem uma cidadania seletiva que contempla apenas os setores beneficiados da população. Mas mesmo estes, que têm a seu alcance as condições para o pleno exercício da cidadania, tornam-se alheios às profundas desigualdades ao seu redor.

São prisioneiros dos altos muros de uma universidade que não assume nenhum compromisso com o mundo ao seu redor, reproduzindo um saber técnico desvinculado das necessidades de vida da maioria das pessoas. Estão inseridos em uma universidade na qual, como nos diz Paulo Freire, o educador não se comunica, mas faz comunicados e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Ao fim de seu curso encontram-se, em geral, pouco preparados para serem sujeitos de suas próprias vidas, e incapazes de serem profissionais transformadores da realidade. O Projeto Alunos na Praça tenta fomentar estas discussões sensibilizando os estudantes para a necessidade de refletir sobre saúde e cidadania, uma vez que a sala de aula muitas vezes se torna um lugar que produz doença e anula a cidadania.

3.2 - Perceber como a população alvo vivencia e entende saúde e cidadania, atuando como facilitadores da construção desses conceitos.

As pessoas possuem valores e práticas relacionados à saúde e também possuem experiências, sonhos e expectativas com relação ao lugar que ocupam na sociedade e no mundo, seu papel como cidadãos. Assim, apresentar a estas pessoas um saber técnico não pode significar a desvalorização de seu saber popular. É preciso conhecer e dialogar com esse saber popular, compartilhando nosso saber técnico, acadêmico. Sobretudo, aprender com este diálogo. Também não podemos perder de vista o significado de saúde, definido como "a resultante das condições de alimentação, habitação, educação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso e posse da terra e acesso a serviços de saúde" pela 8ª Conferência Nacional de Saúde. Essa saúde plena não é uma doação mas um direito, um processo dinâmico a ser continuamente construído. E para ser construído exige o exercício de uma cidadania igualmente plena. Nosso lugar como estudantes não é apenas aquele de portadores de um saber técnico sobre saúde, mas de facilitadores desse processo histórico-social, do qual nos fala Leonardo Boff, que capacita a massa humana a forjar condições

de consciência, de organização e de elaboração de um projeto e de práticas no sentido de deixar de ser massa e de passar a ser povo, como sujeito histórico plasmador de seu próprio destino.

3.3 - Proporcionar uma abordagem transdisciplinar em relação a saúde e cidadania

Por entender saúde e cidadania de forma ampla, o Projeto Alunos na Praça está aberto a estudantes de todos os cursos, de todas as áreas de saber. Não é um projeto restrito aos alunos da área de saúde. No momento, conta com a presença de alunos de medicina, enfermagem e psicologia. Assim, discute questões acerca do trabalho em equipe multiprofissional, muito pouco exploradas durante a formação. Porém, mais do que o diálogo entre diversos campos do saber, o Projeto Alunos na Praça aponta para a necessidade de uma abordagem transdisciplinar da saúde e da cidadania. O mundo da ciência, o mundo acadêmico, é o mundo das disciplinas. As disciplinas ou campos de saber cientificamente legitimados não são a-históricos, naturais, transcendentais. Portanto, não se trata de somar diferentes olhares para abranger as diferentes facetas da saúde (multidisciplinaridade) ou ainda criar uma zona de interseção entre eles (interdisciplinaridade). Em ambos os casos, mantém-se as fronteiras disciplinares, dos objetos e dos sujeitos dos saberes. O que se propõe é a desestabilização dos limites supostamente naturais e transcendentais entre as disciplinas, a partir da colocação em questão da identidade dos sujeitos e do objeto do conhecimento. E essa identidade é colocada em questão durante todo o tempo quando nos deparamos com um objeto que exige de nós liberdade e criatividade para superar os limites do nosso saber técnico, um objeto que é vivo - o homem que sofre. Assim, segundo nos diz a psicóloga e docente do Dep. de Psicologia da UFF, Regina Benevides, a perspectiva transdisciplinar inclui a análise histórico-crítica da própria divisão de saberes, des-disciplinarizando, des-naturalizando, rompendo com os domínios instituídos de competência.

3.4 - Buscar a aproximação da universidade com a sociedade, visando a integração das mesmas

Algumas das atividades desenvolvidas pelo Projeto Alunos na Praça talvez possam ser definidas como ações de extensão universitária, mas este Projeto aponta a necessidade de superação desse rótulo. Numa sociedade cuja quantidade e qualidade de vida assenta em configurações cada vez mais complexas de saberes, a legitimidade da universidade só será cumprida quando as atividades hoje ditas de extensão, se aprofundarem tanto que desapareçam enquanto tais e passem a ser parte integrante das atividades de investigação e de ensino.(Boaventura de Souza Santos).

3.5 - Buscar a transformação da teoria acadêmica com base nas reais demandas de saúde e cidadania da população alvo

O Projeto Alunos na Praça ao sensibilizar os estudantes em relação aos limites do seu saber técnico, a falta de diálogo entre esse saber aprendido na academia e o saber popular e a falta de compromisso da universidade para com a sociedade, busca também produzir uma diferença no cotidiano da sala de aula. Busca instrumentalizar os alunos para a transformação do seu modelo de formação, através de discussões permanentes junto à universidade.

3.6 - Incentivar os estudantes e a população alvo a compreender o funcionamento do Sistema Único de Saúde, colaborando para sua implementação

Trabalhar a partir de uma concepção abrangente de saúde, isto é, enquanto um direito universal derivado do exercício da cidadania plena, exige uma articulação com um sistema de saúde que também assente seus princípios nessa base. Esse sistema é o Sistema Único de Saúde. Entretanto, pouca ou nenhuma articulação existe entre a universidade e o Sistema Único de Saúde. Torna-se assim uma necessidade que os estudantes compreendam o funcionamento desse sistema, bem como o conjunto da sociedade. E além de facilitar a compreensão do funcionamento desse sistema, o Projeto Alunos na Praça busca contribuir na sua efetiva implantação.

4 - POPULAÇÃO ALVO

Constituem a população alvo do Projeto: Alunos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); pessoas que transitam nas praças, preferencialmente naquelas situadas nos bairros Tijuca, Maracanã, Vila Isabel, Grajaú, Andaraí, Praça da Bandeira e Alto da Boa Vista; e moradores da favela do Morro da Formiga, situada na Tijuca.

5 -METODOLOGIA

5.1 - Praças

As atividades na Praça não obedecem uma periodicidade fixa, sendo em geral marcadas para o início do semestre letivo, de modo a acolher os alunos que chegam à universidade neste período. A equipe do Projeto Alunos na Praça, constituída hoje por quinze acadêmicos de medicina, enfermagem e psicologia, distribui-se em quatro núcleos de trabalho que desenvolvem ações específicas de educação e saúde com crianças, adolescentes, mulheres e idosos que transitam pelas Praças. Para tanto, contamos com barracas, mesas e cadeiras, material educativo e outros materiais afins. A atividade tem duração de oito horas (das 8 às 16 horas), com uma pausa entre os turnos da manhã e da tarde. As praças visitadas devem, preferencialmente, estar localizadas no mesmo distrito sanitário em que se situa o Hospital Escola da UERJ, isto é, devem estar situadas nos bairros Tijuca, Maracanã, Vila Isabel, Grajaú, Andaraí, Praça da Bandeira e Alto da Boa Vista. A seguir, descrevemos as atividades de educação e saúde realizadas na Praça de acordo com as especificidades de cada núcleo (Criança, Adolescente, Mulher e Idoso)

5.1.1 - Núcleo Criança

Brincando, as crianças pronunciam o mundo. Brincando de roda elas pronunciam, cantam, dançam e dramatizam o mundo, a vida. As cantigas de roda são parte da produção cultural popular de nosso país, onde pode-se perceber ainda as influências portuguesas, africanas, indígenas e outras. Inventariamos cerca de 20 cantigas de roda típicas do Rio de Janeiro. Roda cantada é uma atividade lúdica que se caracteriza pela formação em círculo, no qual as crianças dão-se as mãos, deslocando-se para uma ou outra direção; simultaneamente, cantam uma música em uníssono ou dialogada que pode conduzir a uma ação coreográfica. A partir desse rico campo que a brincadeira de roda oferece, procuramos estabelecer um diálogo sobre saúde, entendendo esse conceito como a resultante das condições

de alimentação, habitação, educação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso e posse da terra e acesso a serviços de saúde tal como foi definido pela 8ª Conferência Nacional de Saúde. Assim, poderíamos definir a proposta do Núcleo Criança para as atividades nas praças como uma tentativa de explorar os muitos aspectos da brincadeira de roda enquanto metodologia de grupo infantil aplicada à área de educação e saúde, numa perspectiva dialógica. Além da brincadeira de roda, utilizamos o desenho livre como forma de acolhimento e estratégia de aproximação mais individual junto às crianças. Estes desenhos são, posteriormente, expostos na Universidade.

5.1.2 - Núcleo Mulher

A proposta do Núcleo Mulher é buscar um diálogo sobre saúde e autonomia da mulher no mundo, bem como seus desejos e descobertas. Para alcançar estes objetivos, utilizamos a expressão teatral. Através de pequenos esquetes relacionados ao dia-a-dia das mulheres, suscitamos rodas de discussão sobre saúde, qualidade de vida, autonomia, relações de gênero e auto-cuidado. As técnicas teatrais utilizadas são inspiradas na metodologia de Augusto Boal em "O Teatro do Oprimido".

5.1.3 - Núcleo Adolescente

O objetivo deste núcleo é promover a autonomia dos adolescentes sobre questões de saúde em seu conceito mais amplo, como aquele que foi definido na VIII Conferência Nacional de Saúde. Buscamos com os adolescentes o significado do que seja adolescência através de desenhos ou frases. Tentamos identificar quais as possíveis necessidades dos jovens através de jogos interativos e compreender, elaborar e analisar a construção de possíveis soluções e conceitos junto com os adolescentes. São realizadas discussões individuais e de grupo, utilizando como suporte didático modelos de demonstração pélvico e peniano (para o uso de preservativos masculino e feminino), álbum seriado de DST e AIDS do ministério da Saúde e folhetos explicativos. É feita distribuição de preservativos masculinos para os jovens que participam das dinâmicas do núcleo.

5.1.4 - Núcleo Idoso

Utilizando um conceito mais amplo e verdadeiro de saúde do que a "ausência de doença" e um conceito mais dinâmico e real do que o "completo bem-estar físico, mental e social", buscamos uma discussão aberta sobre este tema, especificamente na terceira idade. Para tanto, trabalhamos em pequenos grupos que se formam naturalmente ou através de intervenção da equipe. Uma vez formado o grupo, pede-se para que cada participante complete a frase "O envelhecimento é...". Todas as idéias são escritas em um cartaz, e abre-se uma discussão sobre o assunto. Dentro dessa discussão, insere-se o tema saúde, passando por questões como qualidade de vida, auto-estima, auto cuidado. Caso haja alguma necessidade, a equipe faz também referência para a unidade de saúde mais próxima da residência da pessoa. Como material de apoio, é distribuído aos idosos a revista "Viver mais e melhor", do Ministério da Saúde. São distribuídos adesivos com o lema "Velho é o seu Preconceito!", uma questão também presente nas discussões em grupo. Se há necessidade, é feita abordagem individual. Somente em alguns casos é aferida a pressão arterial, se for solicitado pela pessoa.

5.2 - Comunidade do Morro da Formiga

Na comunidade do Morro da Formiga, situada na Tijuca, a equipe do Projeto Alunos na Praça desenvolve uma atuação mais continuada com grupos de idosos, mulheres e adolescentes através de oficinas que acontecem quinzenalmente na comunidade. Ainda não foi possível iniciar um trabalho sistemático de educação e saúde com grupos de crianças. Estas oficinas seguem o referencial metodológico da professora Lucia Afonso do Departamento de Psicologia da UFMG, baseado no pensamento de Bion, Kurt Lewin, Pichon Riviere e Paulo Freire. Consistem em dinâmicas de grupo e têm como finalidade geral discutir e elaborar conceitos de saúde e cidadania, baseando-se sempre nas demandas trazidas pelos grupos. Descrevemos a seguir as diretrizes das oficinas segundo as especificidades dos grupos de mulheres, adolescentes e idosos

5.2.1 - Oficina da Mulher

Estas reuniões podem tratar de estratégias preventivas em saúde (exames preventivos), atitudes promotoras de saúde (alimentação, estilos de vida), acesso a serviços de saúde e demais assuntos de interesse do grupo. No início de cada atividade é realizada uma ambientação, para facilitar a constituição de uma rede de apoio entre as participantes. Esta atividade pode se constituir de dinâmicas anti-estresse, lúdicas, etc.

5.2.2 - Oficina do Adolescente

Na comunidade do Morro da Formiga, o núcleo desenvolveu uma oficina sobre sexualidade, que aconteceu quinzenalmente, tendo duração de duas horas. Em cada encontro era abordado um tema específico através de dinâmicas previamente planejadas, exibição de vídeos e bate-papos. Os temas abordados foram identidade, sexo biológico, relações de gênero, concepção e contracepção, prazer e DST AIDS. No momento, o Projeto Alunos na Praça desenvolve uma oficina permanente em dinâmicas de grupo e com metodologia participativa que tem discutido os temas sexualidade, educação, trabalho, saúde e violência.

5.2.3 - Oficina do Idoso

O grupo de idosos moradores da comunidade da Formiga passou por uma etapa de entrevistas individuais onde foram detectadas as principais queixas de saúde e demandas do grupo. A oficina utiliza dinâmicas de grupo para discutir qualidade de vida, saúde na terceira idade, algumas das principais patologias que acometem essa população, onde o saber acadêmico é apresentado sem desqualificar os saberes e práticas populares, estimulando um diálogo entre ambos.

6 - MODELO DE GESTÃO DO PROJETO ALUNOS NA PRAÇA

6.1 - Coordenador Docente:

O Coordenador Docente representa o Laboratório de Dinâmicas Societárias da UERJ junto ao Projeto Alunos na Praça e a ele compete debater, em encontros quinzenais com o Conselho de Alunos, o encaminhamento das ações do Projeto, propor estratégias e apontar dificuldades. Atualmente o coordenador docente é o médico e professor Valter Duarte Ferreira Filho, do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UERJ, vice-coordenador do LDS (Laboratório de Dinâmicas Societárias).

6.2 - Conselho de Alunos:

É formado pelos alunos fundadores do Projeto Alunos na Praça. Compete a este Conselho planejar e avaliar as ações do Projeto Alunos na Praça e aprovar o

ingresso de novos integrantes. Não há distinções entre os alunos integrantes deste conselho, ficando a critério do mesmo constituir comissões ou grupos de trabalho para o desempenho de suas tarefas. Todos os alunos do Conselho de Alunos são voluntários. Este conselho se reúne semanalmente.

6.3 - Rede de Facilitadores:

É formada por pessoas convidadas pelo Conselho de Alunos que, por sua experiência de vida ou prática profissional, possam atuar como facilitadoras das ações do Projeto compartilhando saberes e vivências. Os encontros com os facilitadores não são fixos, sendo convocados pelos alunos e agendados segundo a disponibilidade dos facilitadores. Os facilitadores são voluntários. Os ex-integrantes do Projeto Alunos na Praça são membros natos da Rede de Facilitadores e podem participar das atividades práticas desde que contem com o aval do Conselho de Alunos.

7 - RESULTADOS

O Projeto Alunos na Praça atendeu até o momento um total de 1025 pessoas em praças, sendo deste 393 crianças, 191 adolescentes, 220 mulheres e 221 idosos. Foram sete atividades de praça desde a fundação do projeto no ano 2000. É difícil avaliar o impacto dessas atividades de educação e saúde para o cotidiano das pessoas que encontramos na praça, difícil dizer se as atividades produziram alguma diferença em suas vidas. Certamente, estas pessoas mudaram as vidas de todos os integrantes do Projeto. Compartilhamos, em plena praça, de momentos intensos de cumplicidade, dividimos dúvidas, incertezas, angústias e aprendemos a multiplicar risos, esperanças. Não nos é possível mensurar o valor desses resultados. Talvez pudéssemos dizer de Josué, menino de rua que nos acompanhou durante três atividades de praça num espaço de tempo de um ano. Talvez pudéssemos contar dos muitos moradores de rua, crianças, jovens e adultos descobrindo a beleza de serem reconhecidos como pessoas, descobrindo uma dignidade já quase devorada pelas ruas. Talvez pudéssemos falar da solidão dos idosos e suas longas histórias, o prazer em seus olhos por encontrar alguém para escutá-las. Os risos tímidos de adolescentes que vêem pela primeira vez um preservativo. As mulheres e sua sensibilidade na descoberta que não é preciso calar diante da violência, que é possível ser mulher e ser feliz, sentir prazer, sonhar. Já na favela do morro da Formiga, talvez seja mais fácil perceber algumas mudanças depois de nossa chegada. Os familiares dos idosos com os quais trabalhamos em oficinas, relatam mudanças em casa, nas relações, na vontade de continuar vivendo. Ao fim dos encontros, quando agendamos o retorno, os adolescentes pedem que retornemos no dia seguinte. Não podemos estar lá no dia seguinte. O grupo de mulheres elabora um catálogo de remédios naturais caseiros e pensa a construção de uma cooperativa de trabalho. Multiplicam laços, criam recursos, somam forças e inventam uma nova forma de ser feliz e ter saúde numa violenta favela carioca. Todos estes resultados junto às pessoas que encontramos e que não conseguimos mensurar, mantêm a equipe confiante de que este projeto não vai mais ter fim. Novos alunos se integram a equipe trazendo suas histórias, saberes, vivências e uma enorme capacidade de continuar escrevendo ainda com mais força a história deste projeto. No ano 2002 realizamos três oficinas de capacitação sobre os temas Políticas de Saúde, Relações

Interpessoais, e Educação e Saúde/Cidadania convidando professores da UFMG, da ENSP/FIOCRUZ além de docentes da UERJ. Participamos de uma Oficina promovida pelo Centro de Teatro do Oprimido para conhecer mais de perto esta metodologia elaborada por Augusto Boal, fundamental para algumas de nossas atividades na Praça. Fomos classificados para o Prêmio Carmen Portinho de incentivo a projetos de alunos de graduação da UERJ e recebemos o terceiro lugar no V Prêmio DENEM de Extensão Universitária. Lutando por um Sistema Único de Saúde efetivo, participamos de todas as reuniões do Conselho Distrital de Saúde e colaboramos ativamente na construção do I Encontro de Lideranças Comunitárias no nosso distrito sanitário que conta com 29 favelas, incluindo a Formiga, onde realizamos oficinas permanentes. Sonhando uma Universidade mais próxima da Sociedade e, conseqüentemente, modelos de formação profissional menos voltados para os interesses do mercado e sim para os interesses da população, encontramos muitas dificuldades. Muitas portas fechadas. Ameaças veladas, críticas... Mas o Projeto cresceu. E também encontrou portas abertas. Corações abertos de Valter e Luitgarde, nossos coordenadores docentes. Hoje, discutimos com nossos professores a possibilidade de tornar a vivência dentro do Projeto uma atividade curricular interdisciplinar, incluindo graduandos de medicina, psicologia e enfermagem em turmas mistas, pela primeira vez na história de nossa universidade.

FICHA TÉCNICA:

INSTITUIÇÃO

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Faculdade de Ciências Médicas
Faculdade de Enfermagem
Instituto de Psicologia
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

PROFESSOR ORIENTADOR:

Valter Duarte Ferreira Filho

ALUNOS AUTORES:

Alberto Carlos H. de Oliveira
Ana Cláudia de Araujo Pinto
Ana Paula Belmont de Alcantara
Angélica Pereira Toscano
Bruno Pereira Stelet
Juliana Braga Alves
Lia Haikal Frota
Maria Clara C. Viana
Pedro Rocha Pitta
Rafael Lopes de Carvalho
Raphael Mendonça Guimarães
Regina Ferreira P.B. da Silva
Renata Pascoal Freire

Roberta Anjos de Souza
Rodrigo Gonçalves Fernandes
Rosane da Silva Carvalho
Vanessa de Araújo Xisto

Responsável:

Ana Paula Belmont de Alcantara
Rua Martins Pena 58/503 - Tijuca
Rio de Janeiro - RJ
CEP:20270270

Tel: (21) 22041006 // 97629742

e-mail: anaalcantara@domain.com.br / alunos_na_praca@yahogroups.com.br